

Gestos e territórios móveis: o corpo como interface sensorial na mobilidade urbana digital

Mobile Gestures and Territories: the body as a sensory interface in digital urban mobility

RESUMO

Este artigo propõe uma leitura situada do corpo em trânsito como interface de produção de sentido urbano, com base em uma etnografia desenvolvida no sistema de transporte público TransMilenio (Bogotá). A partir de uma abordagem fenomenológica e semiótico-encarnada, analisam-se práticas cotidianas de interação com o telefone celular que configuram novas formas de habitar a cidade contemporânea. O estudo concentra-se em gestos mínimos, microgestualidades táteis e estratégias de regulação sensorial que permitem aos sujeitos negociarem aspectos como visibilidade, intimidade e atenção em contextos urbanos de alta densidade. Argumenta-se que esses gestos não são meros hábitos individuais, mas expressões de uma ecologia corporal e tecnológica que reconfigura o espaço público a partir do movimento, da percepção e da técnica. Ao articular teoria, cenas etnográficas e análise semiótica, busca-se contribuir para uma compreensão mais profunda do vínculo entre corpo, dispositivo e cidade.

Palavras-chave: Corpo em trânsito; mediações tecnológicas; gestualidade urbana.

ABSTRACT

This article proposes a situated reading of the body in transit as an interface to produce urban meaning, based on ethnographic research conducted within the TransMilenio public transportation system in Bogotá. From a phenomenological and embodied semiotic approach, it analyzes everyday practices of interaction with mobile phones that shape new ways of inhabiting the contemporary city. The study focuses on minimal gestures, tactile microgestures, and strategies of sensory regulation that allow individuals to negotiate aspects such as visibility, intimacy, and attention in high-density urban contexts. It argues that these gestures are not merely individual habits, but expressions of a bodily and technological ecology that reconfigures public space through movement, perception, and technique. By articulating theory, ethnographic scenes, and semiotic analysis, this article seeks to contribute to a deeper understanding of the connections between body, device, and city.

Keywords: Mobile body; technological mediations; urban gesture.

CAMILO FERNANDO RUALES TOBÓN

Doutor em Comunicação pela Universidad Nacional de La Plata e mestre em Semiótica pela Universidad Jorge Tadeo Lozano. Pesquisa corpo, cidade e tecnologias móveis.

E-mails: rcamilot@gmail.com / cruales@educacionbogota.edu.co

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa explora como o corpo, mediado por tecnologias móveis, gera sentido em contextos de mobilidade urbana. A partir de uma estratégia etnográfica desenvolvida no sistema de transporte público TransMilenio, em Bogotá, analisam-se cenas cotidianas em que o gestual, o tato e a atenção configuram formas situadas de habitar o espaço urbano. Longe de serem meras ferramentas, os dispositivos móveis reconfiguram as relações entre corpo, ambiente e subjetividade, dando origem a uma ecologia sensorial urbana caracterizada por fluxos intermitentes de conexão, presença e afetividade.

A reflexão aqui desenvolvida está inserida em uma tese de doutorado em Comunicação, cujo propósito foi compreender o sentido urbano contemporâneo a partir do uso do smartphone em situações de trânsito forçado^[1]. Com base em uma perspectiva fenomenológica e semiótica, buscou-se observar como o corpo, em movimento e mediado por dispositivos, atua como uma interface de inscrição técnica, expressão subjetiva e negociação territorial. O objetivo geral consistiu em analisar as relações entre corpo, smartphone e cidade durante o deslocamento, com ênfase nas práticas gestuais e nas condições de atenção distribuída que emergem no transporte público.

Este estudo tem como cenário o sistema de transporte público TransMilenio, em Bogotá (Colômbia), escolhido por sua alta densidade de passageiros, pela variedade de trajetos que conectam diferentes zonas da cidade e por sua relevância como espaço de trânsito forçado e de encontro coletivo. Trata-se de um contexto urbano marcado por deslocamentos intensos, negociações corporais constantes e uma forte presença de dispositivos digitais, elementos que tornam o sistema especialmente propício para observar práticas tecnocorporais em movimento.

Em vez de reduzir a cidade a um espaço funcional ou meramente geográfico, propõe-se aqui concebê-la como uma ecologia de mediações sensíveis, na qual o urbano se codifica e ressignifica a partir da corporalidade. A etnografia, entendida como uma forma encarnada de atenção, permite captar a dimensão situada dessas mediações. Observar o trânsito cotidiano não revela apenas dinâmicas tecnológicas, mas também modos de percepção, afetação e produção de sentido que o corpo inscreve em sua relação com o urbano.

DO CORPO QUE SENTE AO GESTO QUE CONECTA: TRAJETOS DE MEDIAÇÃO NA ATENÇÃO CONTEMPORÂNEA

A presença ubíqua do telefone inteligente transformou profundamente as formas de habitar o espaço urbano, afetando a percepção, o movimento e a relação com o entorno. Nesse contexto de transformação, o corpo já não pode ser concebido apenas como um suporte fisiológico da tecnologia, mas como uma interface ativa: uma superfície sensível de inscrição na qual se configuram modos de atenção, práticas de sentido e relações espaciais.

O olhar aqui adotado alinha-se a uma concepção do corpo como território simbólico e técnico, no qual a gestualidade torna-se central para compreender os processos de mediação tecnológica. O corpo não atua simplesmente como usuário do dispositivo, mas como o lugar onde se encarnam formas de subjetivação, disposições perceptivas e racionalidades técnicas.

O CORPO COMO INTERFACE: SEMIOSE INCORPORADA

O gesto, concebido para além de sua funcionalidade mecânica, constitui uma unidade mínima de sentido na qual convergem processos técnicos, expressivos e afetivos. Não se trata simplesmente de um movimento corporal, mas de uma forma de inscrição no mundo. Como propõe André Leroi-Gourhan (1965), o gesto representa uma extensão técnica do corpo, uma exteriorização da ação que articula o biológico ao cultural. Essa dimensão técnica se atualiza nos contextos de mediação digital, em que as mãos não apenas executam funções, mas atuam como vetores de relação com o entorno urbano.

Sob uma perspectiva fenomenológica e antropológica, David Le Breton (2012) afirma que o gesto constitui uma marca da presença: uma forma incorporada de vínculo com o outro e com o espaço. No contexto da mobilidade contemporânea, as ações realizadas com o smartphone — tocar, deslizar, bloquear, curvar-se — adquirem uma densidade simbólica que organiza o espaço de interação e delimita territórios efêmeros de intimidade e atenção. Nesse sentido, trata-se de atos significantes que moldam a experiência urbana.

Ao privilegiar a dimensão afetiva do gesto, torna-se central a noção de “intensidade” proposta por Brian Massumi (2002). O gesto não deve ser compreendido apenas como uma forma estável de expressão, mas como uma modulação afetiva do corpo em relação ao seu entorno. Cada microgesto — um olhar fugaz, uma mudança de postura, um bloqueio de tela — encarna uma variação na intensidade do vínculo entre sujeito, dispositivo e espaço compartilhado. Nessa perspectiva, o gesto opera também como uma força que mobiliza afetos, reconfigura a atenção e produz modos de estar no mundo. Nesta reflexão, considera-se o gesto como uma prática situada que articula o técnico, o expressivo e o afetivo. Por meio dele,

manifestam-se não apenas ações funcionais, mas também territórios sensoriais e regimes de subjetivação inscritos na mobilidade urbana.

Em chave fenomenológica e semiótica, o corpo aparece como uma instância geradora de sentido que excede o biológico. Seguindo Sheets-Johnstone (1999), o corpo em movimento não é meramente um receptor de estímulos, mas uma fonte ativa de significação. Os gestos cotidianos, em sua materialidade mínima, estruturam a experiência e organizam sua dimensão espaço-temporal.

Autores como Niño (2015) destacam que o corpo, atravessado por dispositivos tecnológicos, atua como um campo de codificação performativa, no qual o gesto não cumpre apenas funções instrumentais, mas também expressivas e configuradoras do social. Essa leitura permite vincular o corpo a processos de inscrição técnica, produção de presença e construção de sentido, possibilitando uma interpretação das práticas corporais em mobilidade como formas de configuração de um território sensorial.

A experiência corporal em contextos digitalizados implica que os movimentos cotidianos se tornem portadores de significados culturais e afetivos. O corpo não se limita a executar ações técnicas; ao contrário, habita e ressignifica o dispositivo por meio de sua capacidade expressiva. Cada gesto funciona como um signo, e cada interação corporal com o dispositivo constitui uma operação de tradução, adaptação ou resistência frente às lógicas da mediação técnica.

Sob essa perspectiva, a semiose incorporada do corpo não se reduz à produção de presença em termos técnicos, mas configura subjetividades situadas. As microgestualidades envolvidas no uso do smartphone — modulando visibilidade, apoio corporal e modos de atenção — revelam formas específicas de construir sentido e agência na cidade. Não se trata apenas de “usar” o dispositivo, mas de inserir-se em uma ecologia semiótica em que o corpo atua simultaneamente como superfície de inscrição e mecanismo de leitura.

A dimensão gestual pode ser entendida, assim, como uma escrita tátil do entorno urbano. As microgestualidades realizadas no uso cotidiano do smartphone revelam uma relação situada entre corpo e cidade, modulando formas de atenção, visibilidade e presença. Esses gestos não são neutros: eles marcam, organizam e transformam a experiência da mobilidade. Neles se manifestam tensões entre presença e evasão, entre o íntimo e o coletivo, entre o visível e o cifrado. Em consequência, o gesto transcende sua função mediadora para configurar a própria experiência.

Essas configurações gestuais, que materializam formas sensoriais e semióticas de habitar o espaço urbano, não se limitam à dimensão expressiva do corpo. Elas também possibilitam uma reorganização mais ampla dos processos perceptivos e cognitivos. A experiência cotidiana com dispositivos móveis demonstra que o corpo não opera apenas como uma superfície de inscrição, mas também como um nó ativo dentro de um sistema de pensamento distribuído. Essa integração progressiva entre técnica, percepção e agência convida a repensar as relações entre

corpo e tecnologia a partir de uma lógica co-constitutiva, na qual gesto, atenção e cognição se articulam em um mesmo circuito operativo.

Nesse contexto, o corpo emerge não apenas como executor técnico, mas como uma instância perceptiva e afetiva. A relação estabelecida com o smartphone em contextos de trânsito urbano ultrapassa o instrumental, pois é mediada por disposições emocionais que configuram o sentido do dispositivo. Essa leitura retoma a fenomenologia da experiência proposta por Sheets-Johnstone e reelaborada em chave semiótica por Ruales (2015), que entende a interação corporal com os objetos como um ato vivo que envolve percepção, emoção e significação.

Os gestos cotidianos de uso do smartphone, em sua materialidade mínima, estão impregnados de afetividade e refletem estados de atenção, resguardo ou exposição. Assim, gera-se uma produção de sentido que não reside apenas no objeto, mas na vivência afetiva que o acompanha. Como apontado em trabalhos anteriores, “as emoções pintam a experiência humana e contribuem para a vivência mesma de cada momento” (RUALES, 2015, p. 146). Nesse sentido, o smartphone deixa de ser um simples dispositivo para se tornar um operador semiótico que organiza as relações afetivas do sujeito em movimento, modulando sua percepção de segurança, privacidade ou isolamento diante de um ambiente urbano denso.

Essas práticas corporais, marcadas por gestos mínimos e territorialidades sensíveis, não apenas geram sentido na relação com o entorno, mas também evidenciam uma transformação profunda na forma como se estruturam a percepção e a cognição. A experiência de mobilidade mediada por tecnologias digitais não pode ser abordada exclusivamente a partir da gestualidade; exige considerar como corpo e dispositivo configuram sistemas híbridos de atenção, memória e tomada de decisões. Nessa linha, o próximo tópico se orienta à análise das noções de tecnogênese e mente distribuída como chaves para compreender esses arranjos sensório-cognitivos.

TECNOGÊNESE E MENTE DISTRIBUÍDA

A partir da noção de tecnogênese proposta por Katherine Hayles (2005), as tecnologias digitais não devem ser compreendidas como meras ferramentas externas, mas como elementos co-constituintes da cognição e da percepção. A relação entre corpo e dispositivo implica uma configuração recíproca, na qual a técnica modela o gesto, e este, por sua vez, dá forma a modos específicos de estar no mundo.

Nessa mesma linha, Clark e Chalmers (1998) introduzem o conceito de mente estendida, segundo o qual a cognição se distribui entre o biológico e o técnico, integrando os artefatos como componentes ativos dos processos mentais. Sob essa perspectiva, o smartphone não atua apenas como um repositório de informação, mas organiza a percepção, modula a atenção e estabiliza as formas de relação com o ambiente.

Os gestos associados ao uso cotidiano do celular — consultar as horas, navegar entre mensagens, ouvir fragmentadamente um áudio — exemplificam uma modalidade de atenção distribuída em que corpo e dispositivo funcionam como uma unidade operativa. Essa atenção não é contínua nem totalizante; ao contrário, manifesta-se de forma intermitente e fragmentada, embora eficaz em seu propósito: manter o vínculo com o digital durante o deslocamento pelo espaço urbano.

Esse tipo de atenção se concretiza em coreografias corporais discretas que atuam como estratégias adaptativas. Ações como olhar brevemente ao redor sem soltar o dispositivo, ajustar o brilho da tela em movimento ou usar o próprio corpo como barreira visual para preservar a privacidade configuram uma territorialidade corporal situada. Por meio desse vínculo tátil e visual com a tela, o sujeito consegue sustentar um espaço próprio dentro de um ambiente denso e compartilhado.

TERRITORIALIDADES SENSORIAIS E MICROGESTUALIDADES MÓVEIS

Em contextos urbanos marcados pela densidade, pelo ruído constante e pela vigilância persistente, o corpo mobiliza estratégias micropolíticas orientadas à preservação de uma certa autonomia sensorial. O telefone celular, longe de constituir um artefato neutro, torna-se um operador tático por meio do qual se negocia a relação com o entorno, regula-se a exposição e constroem-se formas de privacidade no espaço público.

Sob essa perspectiva, o dispositivo não apenas organiza a atenção, mas também co-produz territórios efêmeros: espaços subjetivos que não são delimitados por muros físicos, mas por posturas, telas e gestos repetitivos. Como observou Niño (2015), os corpos não atuam unicamente como portadores de dispositivos, mas como agentes que configuram o espaço por meio de sua gestualidade, gerando zonas de apropriação simbólica e sensorial.

As práticas corporais observadas em cenários de trânsito urbano — como o sistema TransMilenio — revelam a existência de uma gramática gestual situada: corpos que se curvam sobre a tela, dedos que buscam refúgio nas bordas desse “espelho negro”, olhares que se interrompem para calibrar o ambiente. Esses movimentos compõem uma cartografia do invisível: uma ocupação do espaço que não deixa marcas físicas, mas sim traços afetivos e simbólicos.

Essas microgestualidades móveis devem ser compreendidas como respostas adaptativas frente a um ambiente saturado de estímulos, olhares e riscos. Trata-se de formas de recolhimento tátil, em que a atenção se retrai sem se desligar completamente do exterior, permitindo um estar intermediário entre a cidade e a interface. O corpo não desaparece do espaço urbano: ele o reconfigura por meio de uma economia de gestos que protege, seleciona e média.

Nesse contexto, a territorialidade sensorial não obedece a uma lógica homogênea ou contínua. Ao contrário, o espaço urbano fragmenta-se em zonas de atenção diferenciada e dispositivos de

percepção situados. A cidade é percorrida por corpos que oscilam entre a presença e a retirada, que fazem do gesto uma tecnologia de sobrevivência semiótica. Assim, o smartphone não apenas conecta o sujeito a redes digitais, mas integra uma ecologia sensorial na qual o corpo se torna superfície, escudo e canal.

A interação entre corpo, dispositivo e cidade não pode ser dissociada dos trajetos cotidianos que configuram uma experiência híbrida de mobilidade (RUALES, 2024). O telefone inteligente inscreve-se na vida urbana como um artefato cultural que reconfigura a percepção do espaço público, dotando-o de qualidades íntimas, subjetivas e pessoais. Esse processo não ocorre no vácuo: materializa-se em práticas corporais específicas que organizam os ritmos do deslocamento, as pausas e os modos de estar e habitar os espaços de trânsito.

Essas trajetórias de uso são marcadas por coreografias mínimas que evidenciam a agência do corpo na construção de territórios táteis e simbólicos. Por meio do dispositivo, os usuários delimitam espaços de refúgio momentâneo, gerenciam sua atenção e redefinem sua posição dentro do entorno urbano. Essa dinâmica reafirma o corpo como uma interface que não apenas média a experiência, mas que também produz ativamente o espaço. O telefone celular converte-se, assim, em um vetor que ancora experiências de sentido e regula a presença do sujeito em trânsito entre o coletivo e o íntimo, entre o visível e o cifrado.

Essas coordenadas teóricas — centradas na relação entre corpo, percepção e tecnologia — não apenas permitem problematizar as formas contemporâneas de habitar a cidade, mas também orientaram o desenho metodológico adotado. Em particular, guiaram a escolha de uma estratégia etnográfica situada, centrada na observação de como essas dinâmicas gestuais e atencionais se materializam em trajetos cotidianos marcados pela mobilidade forçada e pela alta densidade urbana.

ETNOGRAFIA EM TRÂNSITO: EXPLORAR O CORPO E A ATENÇÃO EM MOVIMENTO

Esta pesquisa se sustenta em uma orientação fenomenológica e semiótica que reconhece na experiência corporal um ponto de acesso privilegiado ao sentido. Essa perspectiva epistemológica permite captar como os sujeitos habitam o trânsito urbano por meio de gestos incorporados que articulam percepção, técnica e afeto. Por sua vez, a abordagem etnográfica adotada alinha-se a uma compreensão situada do conhecimento, em que observar o outro em contexto implica também

uma implicação do corpo do pesquisador, atento aos ritmos, intensidades e territorialidades que configuram a experiência compartilhada.

Este trabalho está inserido em uma perspectiva qualitativa de cunho interpretativo, com ênfase na etnografia situada como caminho para compreender as práticas corporais vinculadas ao uso do smartphone em contextos de mobilidade urbana. A escolha dessa abordagem responde à necessidade de acessar formas incorporadas de conhecimento que não podem ser plenamente capturadas por meio de questionários, entrevistas ou análise de discurso, pois se expressam no sensível, no gestual e no imediato do trânsito cotidiano.

Em particular, adotou-se uma estratégia de etnografia em movimento, entendida não apenas como acompanhamento físico dos fluxos urbanos, mas como uma forma de atenção encarnada e situada, capaz de perceber os ritmos, pausas, tensões e microgestualidades que atravessam o corpo em interação com o dispositivo. Essa abordagem dialoga com o que Ingold (2011) denominou “caminhar como método”, mas aplicada aos trajetos cotidianos no transporte público, onde o corpo do observador também se torna lugar de conhecimento.

O trabalho de campo consistiu em deslocamentos contínuos por diferentes rotas do sistema, em múltiplos horários e intensidades de fluxo. A observação foi conduzida em diferentes faixas horárias (manhã, meio-dia e fim de tarde), em dias úteis e fins de semana, com o objetivo de captar os diversos modos de habitar o espaço urbano mediados pelo telefone celular.

A etnografia em movimento foi realizada ao longo de diversas semanas, em múltiplos trajetos do sistema TransMilenio, contemplando horários de pico e períodos de menor fluxo. Os deslocamentos variaram entre 20 e 60 minutos, permitindo observar situações de alta densidade, alterações de ritmo, pausas e reorganizações corporais. Os registros foram feitos de forma contínua nos percursos, priorizando momentos nos quais se evidenciavam ajustes posturais, microgestualidades e estratégias de regulação sensorial. Esses critérios operacionais contribuíram para a consistência e profundidade do material analítico obtido.

Optou-se por uma observação não participativa de proximidade, na qual o pesquisador se integrou como um passageiro a mais, procurando não interferir diretamente nas dinâmicas, mas prestando atenção especial à configuração corporal, ao uso dos dispositivos, às estratégias táticas de gestão da atenção e às coreografias espontâneas do corpo em movimento. Foram utilizadas como ferramentas principais um caderno de campo, escrita de cenas densas, esquemas gestuais e registros de trajetos.

Além das cenas e gestualidades observadas no campo, foram registrados também fragmentos esporádicos de fala escutados durante os trajetos, anotados posteriormente no caderno de campo. Esses enunciados não derivam de entrevistas formais, mas de situações espontâneas que emergiram no ambiente do transporte público e que foram relevantes para compreender a relação entre corpo, dispositivo e cidade.

Paralelamente, após a etapa de observação, realizaram-se dez entrevistas em profundidade com usuários do TransMilenio — conduzidas em espaços tranquilos e voltadas à reconstrução de narrativas sobre os significados atribuídos à experiência urbana mediada pelo smartphone. Assim, as vozes presentes no artigo provêm de dois registros distintos, explicitamente diferenciados: observações de campo e entrevistas posteriores.

Embora grande parte das dinâmicas gestuais e sensoriais do trânsito não emergja de maneira plena em entrevistas, estas foram empregadas de forma complementar para acessar narrativas reflexivas e significados discursivos associados ao uso do smartphone na cidade. Assim, a observação permitiu captar práticas corporais não verbais e microgestualidades situadas, enquanto as entrevistas ampliaram a compreensão das percepções, memórias e interpretações que os participantes atribuem às suas trajetórias diárias.

Este trabalho foi complementado por uma escrita etnográfica voltada à captura da atmosfera e da afetividade do trânsito, evitando uma descrição meramente comportamental. A escrita, nesse sentido, não foi apenas um meio de registro, mas uma ferramenta de interpretação que permitiu dar forma às categorias emergentes a partir da experiência. Assim, a análise não se limitou à descrição de condutas, mas buscou reconhecer padrões gestuais e sensíveis que configuram uma linguagem corporal urbana mediada pela tecnologia.

As microgestualidades observadas — como ajustar a postura, proteger parcialmente a tela, modular a visibilidade do conteúdo ou equilibrar-se enquanto se segura o dispositivo — compõem um repertório corporal situado que articula atenção, segurança e presença digital no trânsito urbano.

A análise dos dados seguiu um processo indutivo e iterativo, articulando descrições densas, notas de campo e registros gestuais. As categorias foram construídas a partir da recorrência de padrões corporais e atencionais observados nos trajetos, por meio de um procedimento de codificação temática adaptado à etnografia, no qual os gestos foram tratados como unidades mínimas de sentido. Essa aproximação metodológica permitiu integrar as dimensões sensoriais, técnicas e afetivas do trânsito urbano, produzindo categorias que emergem diretamente da experiência em campo.

A seguir, apresentam-se as categorias construídas para orientar a análise dos dados, não como achados empíricos, mas como instrumentos metodológicos derivados do processo de leitura e organização preliminar do material etnográfico. As categorias analíticas foram construídas de forma indutiva, a partir do contraste e da análise das cenas de campo. Na sistematização dos dados, identificaram-se cinco núcleos principais de observação, que permitiram organizar e aprofundar a interpretação das práticas tecnocorporais em mobilidade: (1) as gestualidades de conexão e desconexão, que mostram como se regula a presença digital no cotidiano; (2) as territorialidades táteis e visuais, que revelam modos de delimitar espaços próprios em ambientes compartilhados; (3) a atenção distribuída e a microgestualidade adaptativa, como formas de

gerir simultaneamente os estímulos do entorno e do dispositivo; (4) as cenas de leitura e escrita íntima, que permitem compreender a produção de subjetividades móveis; e (5) a economia corporal do trânsito, que se refere aos esforços de sincronização do corpo com o movimento do transporte, o uso do dispositivo e a presença de outros corpos.

Essas categorias estão organizadas no quadro a seguir (Quadro 1), que sintetiza os achados mais significativos do trabalho etnográfico:

CATEGORIA EMERGENTE	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS OBSERVADOS	ELEMENTOS ANALÍTICOS
Gestualidades de conexão e desconexão	Modos pelos quais os sujeitos ativam ou suspendem seu vínculo com o dispositivo. Inclui interações breves, padrões repetitivos e pausas atencionais.	Verificar notificações em intervalos; desbloquear o celular sem olhar; esconder o dispositivo ao se sentir observado.	Semiose incorporada; corpo como interface; regulação da presença digital conforme a situação social.
Territorialidades táteis e visuais	Práticas corporais que delimitam zonas de privacidade ou refúgio em contextos urbanos densos, usando o corpo e o celular como barreiras perceptivas.	Usar o braço ou a mochila para cobrir a tela; virar o corpo para a parede ou janela; abaixar a cabeça para isolar-se.	Territorialização sensorial; inscrição técnica do corpo; defesa do espaço próprio.
Atenção distribuída e microgestualidade adaptativa	Formas de atenção fragmentada que integram estímulos digitais e contextuais. Exigem ajustes posturais, visuais e táteis constantes.	Olhar ao redor enquanto escuta um áudio pausado; ajustar a postura para estabilizar o celular; ler mensagens caminhando.	Atenção parcial contínua; corpo como regulador de estímulos; co-constituição de percepção e técnica.
Cenas de leitura e escrita íntima no espaço público	Momentos de interação digital que configuram um ambiente afetivo ou introspectivo em meio à coletividade.	Escrever uma mensagem ignorando o entorno; ler conteúdo afetivo em voz baixa; ver fotos pessoais em movimento.	Interiorização do espaço digital; subjetividades em trânsito; interseção entre o íntimo e o urbano.
Economia corporal do trânsito	Organização dos movimentos do corpo em relação ao dispositivo, ao espaço físico do transporte e à presença de outros corpos.	Segurar o celular com uma mão e a barra com a outra; equilibrar-se entre pessoas sem perder o foco na tela.	Coreografias urbanas; corpo em tensão dinâmica; relação entre espaço, movimento e dispositivo.

QUADRO 1: Estrutura categorial utilizada para a análise etnográfica

Fonte: Elaboração própria.

As cinco categorias emergentes, construídas a partir da etnografia situada, estruturam uma ecologia sensorial urbana mediada por gestos, percepção e técnica. A Figura 1: sintetiza essas categorias em torno do corpo como interface sensorial em trânsito. Essas categorias constituem, portanto, uma estrutura metodológica para interpretar o material etnográfico, servindo como eixo analítico para a etapa posterior de discussão dos achados.

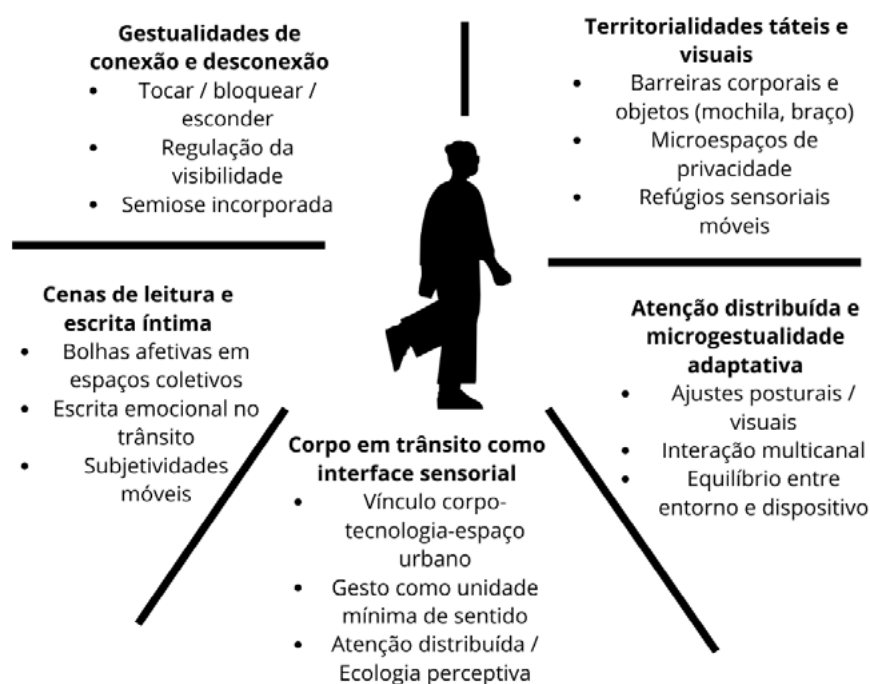


FIGURA 1: *Ecologia sensorial urbana: o corpo como interface*

Fonte: Elaboração própria a partir das categorias emergentes identificadas na pesquisa etnográfica no TransMilenio.

APORTES METODOLÓGICOS E TEÓRICOS A PARTIR DE UMA SEMIÓTICA ENCARNADA^[2]

A etnografia em trânsito empregada neste estudo articula-se com dois aportes fundamentais: a fenomenologia da percepção e a semiótica encarnada. Do ponto de vista fenomenológico, inspirada em autores como Merleau-Ponty (2000) e Sheets-Johnstone (1999), parte-se da noção de que o corpo vivido constitui o primeiro lugar do sentido, onde se integram percepção, gesto e intencionalidade. Já a semiótica encarnada, conforme desenvolvida por Niño (2015), entende o gesto como uma prática codificadora situada, por meio da qual se produzem significados e se negociam modos de presença e atenção no cotidiano urbano.

Essa base teórica não permanece em um nível abstrato; ela orienta diretamente a construção metodológica. A opção por acompanhar os trajetos do TransMilenio a partir da posição corporal do pesquisador — atento ao balanço do ônibus, à pressão dos corpos vizinhos, ao peso do dispositivo na mão — decorre de uma aposta em um conhecimento situado e incorporado. Tal como sugere Ingold

(2011) ao pensar o caminhar como método, aqui o deslocamento torna-se uma forma de atenção encarnada, na qual observar implica também sentir, ajustar-se, negociar espaço e ritmo com os demais passageiros. A etnografia em movimento, nesse sentido, é menos uma técnica de registro e mais um modo de habitar os fluxos para perceber suas microgestualidades constitutivas.

A semiótica encarnada fornece, por sua vez, o vocabulário analítico que orienta a construção das categorias apresentadas no quadro anterior. Termos como *gestualidades de conexão e desconexão*, *territorialidades táteis e visuais* ou *economia corporal do trânsito* partem do reconhecimento de que os corpos funcionam como interfaces sensíveis, através das quais se modulam formas de visibilidade, privacidade, segurança e vínculo afetivo com o dispositivo. Assim, as categorias não são apenas chaves descritivas, mas desdobramentos metodológicos coerentes com uma epistemologia que lê o gesto como signo, ação e inscrição no espaço.

Por fim, a escrita etnográfica prolonga essa relação entre método e teoria. Ao reconstruir cenas, atmosferas e ritmos corporais, ela não se limita a transcrever o vivido, mas realiza um exercício reflexivo que interpreta o gesto desde dentro de sua própria corporeidade. Essa perspectiva metodológica — simultaneamente fenomenológica e semiótica — reforça a aposta deste trabalho em pensar com o corpo e a partir de seus gestos, tomando o movimento, em sua materialidade sensível, como fonte legítima de produção de conhecimento.

CENAS DE TRÂNSITO: GESTOS, ATENÇÃO E CORPOS EM MOBILIDADE

Esta seção desenvolve uma leitura situada das práticas de uso do smartphone observadas no sistema de transporte TransMilenio de Bogotá. A partir de uma estratégia de etnografia em movimento, foram reconstruídas cenas que permitem compreender como o corpo e o smartphone configuram uma unidade operacional em trânsito.

As cenas selecionadas foram agrupadas segundo cinco categorias emergentes construídas de forma indutiva durante o trabalho de campo: primeiro, gestualidades de conexão e desconexão; segundo, territorialidades táteis e visuais; terceiro, atenção distribuída e microgestualidade adaptativa; quarto, cenas de leitura e escrita íntima no espaço público; e, por fim, economia corporal do trânsito. Cada cena não busca representar generalizações, mas revelar microdinâmicas gestuais que condensam formas específicas de atenção, regulação sensorial e subjetivação urbana.

GESTUALIDADES DE CONEXÃO E DESCONEXÃO

Neste ponto, exploram-se as micro-ações táteis e visuais por meio das quais os sujeitos regulam seu vínculo com o digital em espaços compartilhados. Longe de gestos técnicos neutros, trata-se de modulações sensíveis que estabelecem limiares de atenção e visibilidade na interação urbana.

Em um ônibus articulado que percorre a Troncal Caracas em horário de pico, uma jovem, em pé, segura seu celular com uma mão enquanto com a outra se apoia na barra. A tela iluminada lhe serve de refúgio visual em meio ao barulho e à densidade. No entanto, ao perceber a presença de alguém atrás de si olhando por cima de seu ombro, bloqueia o dispositivo com um movimento rápido do polegar. Ela o guarda parcialmente, mas não completamente: mantém o celular visível, com a tela acesa, como se estivesse disponível — ainda que já não esteja.

O gesto — esconder sem esconder — expressa o que Turkle (1997) denominou uma negociação contínua entre visibilidade e privacidade no digital, descrevendo o vínculo entre corpo, tecnologia e contexto. Não se trata apenas de desligar uma tela, mas de traçar uma fronteira performativa no espaço público: quem vê, quem pode olhar e até onde se permite ser observado. Uma jovem (Entrevistada A) expressa isso da seguinte forma:

Às vezes nem estou vendo nada importante, só pego o celular porque me sinto desconfortável, meio que para não ter que olhar para ninguém... é como uma desculpa para não estar, mas estar. (Entrevistada A)

Assim entendido, o gesto torna-se uma tecnopolítica tátil: uma ação corporal aparentemente mínima que modula a presença, regula a atenção e delimita zonas de intimidade. Nos termos de Hayles (2005), pode-se dizer que a cognição incorporada se retrai momentaneamente diante de uma condição de exposição. O digital não se desativa por completo, mas se recolhe; permanece latente como possibilidade, marcando assim um regime de atenção intermitente profundamente situado.

Essa cena revela como um gesto aparentemente mínimo se converte em um ato de gestão da presença digital. A ação de bloquear sem guardar o celular não responde apenas a uma lógica de segurança, mas expressa uma forma situada de regulação semiótica da intimidade. Nesse sentido, a cena confirma que as gestualidades de conexão e desconexão não são binárias, mas sim expressões táteis e relacionais de negociação com o entorno.

ECONOMIA CORPORAL DO TRÂNSITO

Aqui se alude à organização prática do corpo em relação ao dispositivo, ao espaço físico e aos outros. Trata-se de coreografias adaptativas que permitem sustentar a conexão digital sem perder o equilíbrio nem dissolver a percepção do entorno.

Um homem de cerca de trinta anos entra no ônibus, posiciona-se próximo à porta traseira e, sem se sentar, segura o celular com as duas mãos enquanto assiste a um vídeo. A instabilidade do veículo o obriga a ajustar constantemente sua postura: pés afastados, joelhos semiflexionados, braços tensionados como uma extensão da moldura do celular. Quando o ônibus freia, ele não desvia o olhar da tela, mas recua um dos pés como contrapeso. Seu corpo inteiro parece ter sido treinado para sustentar a conexão sem perder o equilíbrio.

Essa cena revela a existência de uma coreografia adaptativa, na qual o corpo funciona como interface estabilizadora entre a imagem na tela e o deslocamento urbano. A partir da noção de mente estendida proposta por Clark e Chalmers (1998), o dispositivo não é uma ferramenta externa, mas parte do sistema cognitivo distribuído que organiza a atenção. O corpo, enquanto estrutura sensível, absorve a instabilidade do ambiente para sustentar a continuidade da experiência digital. Um homem entrevistado (Entrevistado B) descreve da seguinte forma:

Quando o ônibus está lotado, tem que se segurar de qualquer jeito. Eu sempre firmo bem o pé pra não cair, mesmo assim fico olhando pro celular porque é a única forma de não pensar na multidão. (Entrevistado B)

O que se observa aqui não é mera habilidade técnica, mas aquilo que Sheets-Johnstone (1999) chamaria de um saber cinético expressivo — um conhecimento incorporado que permite aos sujeitos sustentarem a si mesmos e ao seu dispositivo como um único bloco em movimento. Nesse caso, a atenção distribuída não se fragmenta, mas se redistribui: ela se reparte entre o chão do ônibus, a barra de apoio, o dispositivo visual e o campo sonoro da cidade.

Essa cena ilustra com clareza o que denominamos economia corporal do trânsito: uma sincronização tátil e visual entre corpo, ambiente e dispositivo, em que a atenção não se dissipa, mas se redistribui sensivelmente. O corpo torna-se uma interface estabilizadora que sustenta a continuidade da experiência digital em condições de instabilidade urbana.

CENAS DE LEITURA E ESCRITA ÍNTIMA EM PÚBLICO

A partir desse olhar, remete-se a momentos de interação digital introspectiva que suspendem parcialmente o entorno urbano. Por meio do corpo, do gesto e da tela, configura-se uma bolha afetiva móvel em meio à coletividade.

Em um trecho do trajeto entre as estações da Rua 63 e da Rua 100, uma jovem permanece sentada junto à janela. Durante mais de dez minutos, ela não levanta os olhos do celular. Escreve uma mensagem longa, apaga, reescreve, hesita, recomeça. Ao seu redor, o fluxo do ônibus continua: conversas, vendedores ambulantes, barulho das portas e dos freios. Mas ela parece ter suspenso momentaneamente o entorno, como se o interior do ônibus tivesse sido reconfigurado em uma bolha sensorial privada. Outra jovem entrevistada (Entrevistada C) comenta:

Às vezes escrevo coisas que não conseguiria dizer em casa. Ali no ônibus, é como se eu tivesse um momentinho só meu... não me importo com o barulho, meio que me concentro e pronto. (Entrevistada C)

Essa cena revela aquilo que a pesquisa identificou como formas de intimidade deslocada: processos de subjetivação que se ativam em meio ao trânsito urbano por meio do uso introspectivo do dispositivo. A jovem não se isola fisicamente, mas sim sensorialmente. Como afirma Jonathan Crary (2013), na era da atenção dividida, os corpos buscam zonas de absorção, ainda que efêmeras, para restituir um fragmento de concentração afetiva.

A escrita íntima em espaço público gera um microterritório simbólico, uma inscrição emocional em movimento. Não se trata apenas de enviar uma mensagem: configura-se um espaço afetivo sustentado pelo corpo, pelo gesto e pela tela. Turkle (2011) já demonstrou como a vida emocional contemporânea se entrelaça nas telas, e esta cena confirma isso: o íntimo não desaparece no público — ele se desloca e se transforma.

Nessa prática, entrelaçam-se a presença corporal, a atenção focalizada e a mediação afetiva. A cena revela uma estética do mínimo, na qual o gesto de escrever não é neutro nem banal, mas um ato de composição subjetiva em meio ao caos compartilhado.

A cena descreve com nitidez como o corpo e o dispositivo conformam um microterritório afetivo em trânsito. A escrita não é apenas um ato funcional, mas uma prática de subjetivação que transforma o entorno imediato. Nesse caso, a categoria se complexifica ao mostrar que a intimidade não desaparece no espaço público: ela se retrai, se reinventa e se projeta em novas formas de habitar o coletivo.

TERRITORIALIDADES TÁTEIS E VISUAIS

Neste ponto, destacam-se as formas pelas quais o corpo, em interação com o dispositivo, delimita zonas de refúgio ou privacidade em ambientes densamente compartilhados. Essas práticas produzem contornos invisíveis que suspendem parcialmente o fluxo coletivo.

Em um trajeto vespertino, já com o ônibus mais vazio, um homem mais velho se senta sozinho próximo ao corredor. Tira o celular do bolso, apoia-o sobre a perna e, com a outra mão, cobre levemente a tela. Ao seu redor há espaço livre, mas ele mantém uma postura fechada,

curvada, que delimita um perímetro invisível ao seu redor. Olha brevemente para a porta, depois para o celular, e assim permanece por vários minutos.

Esse tipo de comportamento, observado repetidamente, corresponde ao que MICHEL DE CERTEAU (1990) chamaria de uma tática corporal de apropriação do espaço — neste caso, não para ocupá-lo, mas para refugiar-se. O corpo atua como um escudo semiótico, regulando o acesso ao visível e delimitando um campo de privacidade em meio ao público.

Aqui, o dispositivo não serve apenas para comunicar-se, mas para configurar uma arquitetura sensorial defensiva. Em sintonia com Niño (2015), pode-se dizer que o gesto do homem condensa uma performatividade do recolhimento momentâneo: o corpo se dobra sobre si mesmo, a tela torna-se um limiar e o entorno fica em suspenso. O celular atua como uma cortina simbólica, facilitando a contenção de estímulos e a redução do contato externo. Como relata um passageiro habitual (Entrevistado D):

Eu sempre me sento colado na janela, com o celular bem embaixo. Me dá uma certa tranquilidade, não sei, é como se eu me recolhesse um pouco... e serve pra não ter que falar com ninguém. (Entrevistado D)

Essas formas de encapsulamento não implicam um isolamento total, mas sim um regime de atenção minimamente sustentado, capaz de preservar uma porção de mundo próprio enquanto se permanece disponível para o trânsito. Como propõe Sibilia (2005), o sujeito contemporâneo não se retira do espaço comum, mas o negocia constantemente a partir de uma lógica de exposição medida.

As cenas apresentadas permitem observar como o corpo e o dispositivo não apenas se articulam funcionalmente, mas configuram formas sensíveis e situadas de habitar a mobilidade urbana. Longe de serem gestos isolados, as práticas descritas condensam maneiras de estar no mundo que combinam atenção intermitente, expressão mínima e regulação do entorno imediato.

No trânsito cotidiano, os gestos com o smartphone não se limitam à execução técnica, mas constituem operações micropolíticas de negociação do espaço, da visibilidade e da intimidade. O corpo, atravessado por dispositivos, atua como uma interface dinâmica que organiza a percepção, protege o íntimo e habilita territórios móveis de sentido.

Essa análise evidencia que o digital não é experimentado apenas por meio das telas, mas se encarna em práticas gestuais que reconfiguram a vida urbana. Nelas está em jogo não apenas uma relação com a tecnologia, mas também uma forma específica de subjetivação em movimento.

A cena do homem que cobre o celular com a mão e curva o corpo evidencia uma forma concreta de territorialização tátil. Não se trata de uma fuga do espaço público, mas de uma reconfiguração mínima que habilita uma zona de contenção perceptiva. Assim, a categoria se confirma como chave para compreender como se constroem defesas sensoriais e negociações espaciais por meio de gestos sutis e afetivos.

ATENÇÃO DISTRIBUÍDA E MICROGESTUALIDADE ADAPTATIVA

Essa categoria refere-se à capacidade do corpo de integrar, em movimento, múltiplas fontes de informação — digitais e contextuais — por meio de ajustes táteis, posturais e perceptivos. Trata-se de um tipo de atenção intermitente que não se fragmenta, mas que se redistribui estrategicamente entre diferentes focos sensoriais.

Numa tarde chuvosa, durante o trajeto da estação Las Aguas até a La Calle 72, um jovem entra no ônibus escutando um áudio no celular. Usa fones de ouvido, mas deixa um deles solto, pendurado no pescoço. Em uma mão segura o telefone; na outra, uma sacola de compras. Enquanto caminha até o fundo do articulado, lança olhares breves para a tela, depois para o chão, depois para os assentos. Quando encontra um lugar, senta-se, posiciona a sacola entre as pernas, ajusta rapidamente o volume e desliza o dedo para adiantar o áudio. Enquanto escuta, responde com uma única palavra a uma mensagem que aparece como notificação. Sem tirar os olhos do entorno, volta a olhar a tela quando o ônibus freia bruscamente e algo cai no chão.

Não há distração nem concentração plena. O que se observa é uma espécie de dança atencional fragmentada: um modo de gerir o imediato a partir de uma sensibilidade corporal que aprende a dosar a atenção sem colapsá-la. O jovem não está “em outro mundo”, mas em vários ao mesmo tempo: o trajeto, o dispositivo, a interação, o corpo.

Essa cena evidencia com clareza que a atenção distribuída não implica dispersão, mas sim uma redistribuição estratégica dos sentidos. O corpo torna-se mediador ativo entre o ambiente móvel e o universo digital, sustentando a coerência da experiência por meio de ajustes gestuais contínuos. Assim, a categoria se aprofunda ao mostrar que o adaptativo não é passivo nem reativo, mas uma forma tátil e encarnada de estar conectado sem perder o ritmo do mundo.

DISCUSSÃO: O CORPO COMO INTERFACE DE SENTIDO URBANO

A partir da análise etnográfica desenvolvida em contextos de mobilidade forçada, este trecho propõe uma leitura do corpo como uma interface sensível que articula o técnico, o perceptivo e o urbano. Longe de concebê-lo como mero suporte do dispositivo, destaca-se seu papel ativo na produção de sentido, operando como superfície de inscrição, mediação e adaptação nos trajetos cotidianos.

A perspectiva adotada entrelaça os aportes da fenomenologia da percepção com uma semiótica situada, a fim de pensar a relação corpo-dispositivo-cidade como um agenciamento dinâmico de atenção, afetividade e gesto. Nesse entrelaçamento, os movimentos mínimos, as estratégias

corporais e as formas de habitar o trânsito urbano configuram uma gramática encarnada, no qual o gestual não apenas comunica, mas organiza a experiência do espaço compartilhado.

Recuperam-se aqui também desenvolvimentos conceituais prévios desta investigação, em diálogo com autores como André Leroi-Gourhan (1965), David Le Breton (2007) e Brian Massumi (2002), para explorar como o corpo se torna interface cognitiva, afetiva e técnica. Nesse sentido, não se busca apenas descrever práticas, mas compreender os modos como se inscrevem, territorializam e atualizam formas de estar-na-cidade. Por fim, propõem-se algumas reflexões epistemológicas sobre o lugar do corpo do pesquisador como mediador do conhecimento situado.

CORPORALIDADES MEDIADAS E URBANISMO SENSORIAL

A corporalidade urbana contemporânea se constitui em um ambiente saturado de estímulos, códigos e dispositivos que interpelam o corpo não apenas como receptor, mas como operador ativo de sentido. Nesse contexto, a experiência urbana não pode ser dissociada das formas como o corpo percebe, seleciona, filtra e reage frente às condições sensoriais do entorno. O smartphone torna-se aqui um mediador privilegiado: um limiar técnico que condensa visualidades, sonoridades e ritmos, ao mesmo tempo em que reorganiza as formas de atenção, deslocamento e presença.

As cenas observadas no TransMilenio evidenciam essa articulação entre corpo, dispositivo e cidade como uma experiência sensorialmente densa. O corpo em trânsito atua como sensor encarnado da atmosfera urbana: detecta tensões, cria refúgios, ajusta sua exposição. As microgestualidades envolvidas no uso do smartphone revelam um urbanismo vivido pela pele, no qual pequenas variações de postura e contato moldam a experiência cotidiana. O tato, a postura e o olhar se entrelaçam em uma economia do movimento em que o corpo regula, traduz e se protege.

Essa dimensão sensorial do urbanismo não aparece nos planos arquitetônicos nem nos mapas de mobilidade, mas se inscreve na experiência corporal cotidiana. Como afirma David Le Breton (2007), o corpo é a primeira linguagem com que se escreve a cidade. Nesse sentido, a corporalidade mediada não deve ser entendida como uma simples adaptação tecnológica, mas como um campo de produção estética, afetiva e política, no qual se negociam visibilidade, vulnerabilidade e o direito ao espaço.

O dispositivo móvel, longe de ser uma ferramenta neutra, torna-se uma membrana sensorial: amplifica certos estímulos, bloqueia outros, permite criar zonas de conforto ou de afastamento afetivo. Essa capacidade de modulação sensorial transforma o corpo em um cartógrafo afetivo da cidade: alguém que não apenas transita, mas interpreta a textura do ambiente por meio de sua aliança com a tecnologia.

O que emerge, então, é uma forma de urbanismo sensorial encarnado. Não se trata apenas de estruturas de mobilidade ou fluxos de pessoas, mas de como se habita a cidade por meio

de percepções fragmentadas, gestos mínimos e escolhas táticas que configuram um espaço sensível. O corpo mediado não caminha simplesmente pela cidade: ele a desenha, a transforma, a experimenta desde dentro.

DISPOSITIVOS MÓVEIS COMO AGENCIAMENTOS SEMIÓTICOS

O telefone celular, longe de ser uma ferramenta meramente instrumental, opera como um agenciamento que articula corporalidade, atenção e técnica. Por meio do dispositivo, os sujeitos reorganizam sua percepção do entorno, delimitam espaços simbólicos e constroem uma narrativa de si em movimento. O gesto de olhar para a tela, pausar uma conversa ou isolar-se com fones de ouvido não é apenas técnico, mas também semiótico: envolve a produção de signos, afetos e limiares de sentido.

A partir da semiótica agentiva (NIÑO, 2015), esses gestos podem ser compreendidos como práticas codificadoras que inscrevem o corpo em um sistema técnico-simbólico. O dispositivo torna-se uma interface de inscrição que permite modular a presença, negociar a exposição e produzir afetos táteis. Ao mesmo tempo, essas práticas constituem uma linguagem: uma gramática da mobilidade urbana na qual o gestual configura modos de existência situados.

O que se apresenta aqui não é apenas uma adaptação funcional, mas uma semiose encarnada: formas de ler e escrever o urbano por meio de dispositivos que mediam a atenção, o afeto e a relação com os outros. Esse agenciamento produz subjetividades móveis que negociam constantemente a exposição, a intimidade e a pertença ao espaço coletivo.

A CIDADE COMO ECOLOGIA DE MEDIAÇÕES ENCARNADAS

Este trabalho se inscreve em uma perspectiva epistemológica que entende o corpo como um operador de sentido situado, articulando percepção, gesto e técnica na constituição da experiência urbana mediada por dispositivos móveis. No trânsito cotidiano, o saber não reside unicamente na consciência racional, mas se distribui na atenção, na coreografia adaptativa do corpo, nos gestos que ativam ou suspendem vínculos com o entorno.

A cidade, nesse sentido, não é apenas um cenário físico, mas um tecido de mediações que envolvem o corpo em sua dimensão técnica e afetiva. Cada trajeto converte-se em uma cena de produção de sentido, em que o encarnado é inseparável do tecnológico. Essa abordagem permite ler o trânsito urbano como uma condição epistêmica: uma forma de conhecer que emerge da implicação sensorial, da mobilidade e da sincronização entre corpo e ambiente.

Os gestos observados no uso cotidiano do smartphone, em sua dimensão mínima e situada, não são apenas técnicas de adaptação, mas formas de inscrição na cidade contemporânea. Trata-se de micropráticas de subjetivação urbana que configuram territórios móveis de sentido.

Nesse entrelaçamento, o corpo atua como mediador entre infraestruturas, dispositivos e afetos, produzindo uma experiência situada que não pode ser decomposta em partes sem perder sua densidade significativa.

Sob esse ponto de vista, a cidade torna-se uma ecologia de mediações encarnadas: não se trata apenas de transitar por ela, mas de interpretá-la e ressignificá-la continuamente por meio do gesto, da percepção e da atenção compartilhada. As plataformas, os fluxos de passageiros, os sons e velocidades do transporte público se acoplam às práticas microgestuais, dando origem a uma paisagem sensorial que se atualiza a cada trajeto.

Em vez de compreender o trânsito como mero deslocamento, propõe-se entendê-lo como uma prática cognitiva situada, na qual o corpo atua como interface viva entre os múltiplos planos da experiência urbana. A cidade é percebida, regulada e significada pela pele, pelo peso do dispositivo na mão, pelo balanço do ônibus que exige ajustes corporais sem interromper a conexão.

CONCLUSÕES

Esta contribuição propôs um olhar situado e encarnado sobre o corpo urbano, afirmando seu papel central como interface de sentido em contextos de mobilidade mediada. Por meio de uma etnografia em trânsito, foram analisados gestos cotidianos vinculados ao uso de dispositivos móveis que, longe de serem triviais, revelam operações complexas de regulação sensorial, negociação espacial e construção de subjetividade.

A abordagem corporal, articulada a partir de uma semiótica situada e de uma epistemologia fenomenológica, permitiu captar dimensões da experiência urbana que geralmente escapam aos métodos tradicionais de análise. A corporalidade, nesse contexto, não é concebida como dado biológico nem como instância passiva, mas como dispositivo produtor de sentido, afetividade e conhecimento. Os corpos em trânsito, ao interagirem com seus dispositivos, não apenas habitam a cidade: eles a configuram perceptiva, simbólica e tecnicamente.

Nessa perspectiva, o uso do telefone celular no transporte público —por meio de microgestos, pausas e estratégias táteis— constitui um campo fértil para explorar os modos contemporâneos de habitar o urbano em tempos de hiperconectividade. Essas práticas não devem ser interpretadas apenas como efeitos da tecnologia, mas como expressões de uma ecologia sensorial em que corpo, ambiente e técnica se articulam de forma dinâmica.

Nesse marco, abrem-se novas rotas para o estudo da experiência digital e sensorial em chave urbana. Uma etnografia atenta ao gesto, ao ritmo corporal e ao uso afetivo do espaço permite renovar as formas de investigar a cidade, deslocando o foco das grandes estruturas para as microformas do habitar cotidiano.

As categorias teóricas desenvolvidas, articuladas a uma metodologia situada, ampliam o debate sobre as formas de mediação corporal no urbano e oferecem pistas para investigar como os dispositivos moldam regimes de atenção, presença e afetividade nas cidades contemporâneas.

Em vista de futuros desdobramentos, esta abordagem convida a explorar como os gestos, as micropercepções e as práticas sensoriais mediadas podem revelar dinâmicas mais amplas de poder, cuidado, resistência e subjetivação no espaço urbano. Em um cenário marcado por mobilidades fragmentadas e pela saturação de estímulos, os corpos continuam produzindo modos próprios de habitar — gestualizando mundos possíveis no movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLARK, A.; CHALMERS, D. The extended mind. *Analysis*, v. 58, n. 1, p. 7–19, 1998.

CRARY, J. *24/7: o capitalismo tardio e o fim do sono*. Versão em espanhol. Buenos Aires: Caja Negra, 2013.

DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Versão em espanhol. Cidade do México: Universidad Iberoamericana, 1990.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

HAYLES, N. K. *A condição pós-humana: corpos e informação na cibercultura*. Versão em espanhol. Madrid: Ediciones Cátedra, 2005.

INGOLD, T. *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge, 2011.

LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra I: técnica e linguagem*. Versão em espanhol. Madrid: Taurus, 1965.

LE BRETON, D. *Antropologia do corpo e modernidade*. Versão em espanhol. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.

MASSUMI, B. *Parables for the virtual: movement, affect, sensation*. Durham: Duke University Press, 2002.

NIÑO, D. *Elementos de semiótica agentiva*. Bogotá: Universidad Jorge Tadeo Lozano, 2015.

RUALES, C. F. Las emociones y la dación de sentido en los objetos de uso. *Revista KEPES*, v. 12, n. 11, p. 139–162, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.17151/kepes.2015.12.11.8>.

RUALES, C. F. La inteligencia en un bolsillo: el significado de la ciudad de Bogotá a través del smartphone. *Question/Cuestión*, v. 3, n. 77, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.24215/16696581e870>.

SHEETS-JOHNSTONE, M. *The primacy of movement*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1999.

SHEETS-JOHNSTONE, M. The corporeal turn: an interdisciplinary reading. *Body & Society*, v. 16, n. 1, p. 25–40, 2010.

SIBILIA, P. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Versão em espanhol. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

TURKLE, S. *A vida na tela: a construção da identidade na era da Internet*. Versão em espanhol. Barcelona: Paidós, 1997.

TURKLE, S. *Alone together: why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books, 2011.

-
- [1] A reflexão aqui desenvolvida está inserida em uma tese de doutorado em Comunicação, cujo propósito foi compreender o sentido urbano contemporâneo a partir do uso do smartphone em situações de trânsito forçado. Ver: “A inteligência em um bolso. O significado da cidade de Bogotá através do uso do smartphone no TransMilenio”, disponível em: <https://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/179784>.
- [2] A noção de “semiótica encarnada” utilizada neste trecho está vinculada à proposta de semiótica agentiva desenvolvida por Niño (2015), a qual destaca o papel ativo do corpo na produção de sentido, especialmente em contextos mediados pela técnica. Sob essa perspectiva, os gestos, posturas e práticas corporais não são apenas veículos de expressão, mas operadores simbólicos que configuram territórios, afetos e significações urbanas.